

**Planeta Extremo:
Repórter protagonista, esporte e *reality Show* no telejornalismo brasileiro¹**
Rogério PAIVA²
Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, Portugal.

RESUMO

O jornalismo, hoje, já não vive, apenas, de objetividade. Em um meio onde as formas narrativas se multiplicam e os mecanismos tecnológicos utilizados para contar histórias avançam, a competitividade no mercado da comunicação impõe formas diferentes de mostrar realidades. Prova disso é o “Planeta Extremo”, série de reportagens da TV Globo, que, a partir do processo de protagonismo das histórias pelo repórter, apropria-se da ludicidade esportiva, da tecnologia cinematográfica e de elementos de *reality shows* em uma prova da tendência atual de convergência de estilos e modelos televisivos - não necessariamente informacionais - para o tradicional jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; esporte; cinema; reality show; protagonismo.

INTRODUÇÃO:

“O jornalismo escrito precisa de acrescentar valor em um mundo em que a informação circula quase por osmose. As pessoas já sabem das suas notícias. Recebem as suas notícias através da sua pele. (...) O que fazem então os jornalistas da imprensa? Costumam dar-lhes apenas um sumário. O que lhes dão agora? São cada vez mais coisas como contexto e perspectiva de interpretação”. (Rosen, 2000: 147)

A afirmação de Jay Rosen, em “Para além da objetividade”, destina-se à imprensa escrita, mas pode ser muito bem estendida aos Media que precisam, na atualidade, reinventar a forma de noticiar os fatos à opinião pública. A televisão não foge à regra e acaba por ser um dos meios em que a forma de se contar histórias é cada vez mais vasta e com mais recursos audiovisuais. Em países como o Brasil, a realidade não é diferente. Frente a estas necessidades, telejornais e programas de grandes reportagens investem cada vez mais em formas aprofundadas e diferentes de mostrar realidades. Prova disso é o quadro “Planeta Extremo”, da revista eletrônica semanal da TV Globo, “Fantástico”. Em termos informativos, os episódios da série não podem ser considerados especialmente inovadores. Mas, a imagem e áudio de cinema e a edição arrojada trouxeram, de uma forma instigante para os padrões da televisão brasileira, um novo formato para onde convergem ainda linguagem e aspectos de *reality shows*, imagens de câmera amadora, artes modernas, história, meio ambiente e lições de superação de maneira, no mínimo, audaciosa.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do curso em Comunicação e Jornalismo da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: rogpaiva.news@gmail.com

Outro fator diferenciador de “Planeta Extremo” reside nas múltiplas funções do jornalista Clayton Conservani, que pode ser visto como mergulhador, maratonista, esquiador, auxiliar de atletas, além de câmera e, claro, exercendo a tradicional função de repórter. Mas, ele também chora, emociona-se e testa os próprios limites diante das câmeras. O protagonismo do jornalista aos moldes do *New Journalism* e a mistura de papéis dentro da reportagem é tamanha que chega a colocar em xeque regras básicas como objetividade e distanciamento dos fatos, tradicionais no jornalismo.

A análise desta convergência de formatos, linguagens e a multiplicidade de funções e diferentes discursos adotados pelo repórter, além dos desdobramentos que tudo isto provoca, incluindo choque entre as normas básicas e tradicionais do fazer jornalístico, são alguns dos principais alvos de estudo deste trabalho.

1 – “Planeta Extremo”: Produção, execução e exibição

Foram quase 12 meses, entre escolha de roteiros, planejamento, produção, gravação e edição até, finalmente, ir ao ar o primeiro episódio da série “Planeta Extremo”, em julho de 2011. Fruto de uma mistura de jornalismo e esporte, o produto final - geralmente tratado como série de reportagens - foi dividido em “episódios” e passou a ser chamado assim pela própria TV Globo. O motivo: investimentos em tecnologia e profissionais que fizeram do projeto, um misto de notícia, cinema e *reality show* exibido aos domingos, em horário nobre.

A ideia do quadro surgiu do que o repórter Clayton Conservani, especialista em reportagens de aventura, já fazia, só que com pouca estrutura. Ele já havia enfrentado desafios como o *rally* Paris-Dacar, em 2000; pedalado pelas ilhas Chiloé, no Chile, em 2001; escalado o Monte Everest, no Tibete, em 2005; subido ao monte Mackynley nos Estados Unidos, em 2007; e surfado nas ondas do fenômeno “Pororoca”, nas águas do rio Araguari, no estado brasileiro do Tocantins, em 2009. As reportagens eram, geralmente, exibidas aos domingos, pelo programa esportivo “Esporte Espetacular” ou pelo principal telejornal da TV Globo, o “Jornal Nacional”, que vai ao ar, diariamente, em horário nobre.

Agora, com equipe que incluía produtor, cinegrafistas, técnico assistente de câmera, editor de texto e roteirista e editor finalizador, Conservani parecia estar pronto para levar os

brasileiros aos lugares mais inóspitos da Terra, a partir de lentes modernas, captação de áudio de ponta e edição diferenciada. Mas, era preciso ainda equipe qualificada e focada. Fazia-se necessária uma preparação mais elaborada. Para tal, Clayton chegou a fazer exercícios físicos por horas, diariamente; correr até 150 quilômetros por semana; e participou de cursos de mergulho no Brasil e exterior.

O resultado: quase três horas de material jornalístico levado ao ar, de forma seriada, com linguagem e qualidade de imagem e som inovadores para os padrões da TV brasileira. No primeiro episódio, Clayton percorreu uma maratona de 42 quilômetros na Antártida com temperaturas de até 30 graus negativos. Exaustão e emoção em um dos lugares mais gelados da Terra. No segundo, o repórter foi à Cordilheira dos Andes, onde voltou aos destroços de um avião que caiu matando dezenas de jogadores da seleção uruguaia de *rugby*. Os sobreviventes comeram a carne dos próprios amigos até que chegasse o resgate. Na reportagem, a reconstituição de um dos mais traumáticos acidentes do século passado, que, inclusive, deu origem ao filme “*Alive*”. O terceiro episódio foi sobre a aurora boreal, fenômeno que obrigou a equipe a percorrer vários países europeus para registrar o espetáculo natural. No caminho, risco constante de ataques por ursos polares, comuns nos parques da região. A última grande reportagem da série mostrou claustrofóbicos mergulhos de Conservani a algumas das mais profundas cavernas submarinas, nas Bahamas. Na tela, não apenas bonitas e inquietantes imagens, mas também a descoberta histórica de um crânio de mais de mil anos perdido no Caribe.

No dia seguinte à estréia do projeto, *blogs* e *sites* especializados em televisão e entretenimento no Brasil avaliaram de forma positiva o material levado ao ar, destacando a qualidade do formato e a inovação na narrativa, além dos recursos técnicos, como aspectos fundamentais para o sucesso do projeto.

2- Jornalismo ou Cinema?

“*Não há como entreter, informar, se não incorporar novos elementos. Música, ruídos, silêncio, sofisticação, tudo é válido, necessário e interessante para a narrativa. Ela não precisa ser necessariamente linear*”. A afirmação é do Diretor Executivo de Esportes da TV Globo, João Pedro Paes Leme, e foi feita durante um seminário realizado, em novembro

de 2011, com profissionais da emissora para acadêmicos de comunicação da Universidade de Coimbra, em Portugal. A fórmula, já usada nos produtos de jornalismo esportivo da TV brasileira, foi fundamental para dar aos episódios de “Planeta Extremo”, um resultado final que muito se aproxima do que é feito, hoje, para o cinema.

Com dois cinegrafistas captando todo o material visual dos episódios, o registro de imagens com qualidade cinematográfica tonou-se algo possível. A minúcia da captura das tomadas é tamanha que, por momentos, é possível esquecer que estamos diante de um produto feito, exclusivamente, para televisão. Prova disso é o fato de os cinegrafistas não terem sido creditados no material como “imagens”, mas “fotografia”, exatamente como na sétima arte. E o princípio utilizado para valorizar todo este material é justamente o mencionado por Vera Íris Paternostro que, em alusão a um ditado chinês, diz que uma boa imagem vale mais do que mil palavras. Para ela, a imagem tem narrativa própria e tem capacidade de explicar o que nem sempre a palavra consegue descrever (Paternostro, 1986).

A captação de áudio também merece destaque em “Planeta Extremo”. Barulhos de neve caindo, ruídos de passos e da intensidade de uma corrida, de mergulhos e de deslizos sobre o gelo, além de chuvas, ventos e nevascas podem ser percebidos de forma singular. Aliado às imagens, o som é elemento fundamental na narrativa dos episódios. Trilhas sonoras que subjetivamente, misturadas às imagens, levam os telespectadores à emoção, drama, deslumbramento, descobertas, são igualmente importantes para o sucesso da proposta dos programas. Músicas lentas, agitadas, com metais e percussão acabam por complementar a exibição de imagens que vão do entretenimento ao êxtase, passando pela sensação de tristeza e até mesmo de choque.

Mas, todas estas estratégias não teriam o efeito esperado se a edição não fosse fator fundamental para a aproximação do formato televisivo ao cinematográfico. Ágil, dinâmica, com utilização de *takes* rápidos, a edição de “Planeta Extremo” imprime um ritmo que oscila entre a leveza e a inquietação. Ela consegue transmitir sensações vivenciadas pela equipe como frio, calor em lugares fechados, inóspitos e de risco. Isso sem contar com o recurso dos *plot points*, típicos do cinema, que mudam, a todo o momento, os rumos da narrativa, aguçando a curiosidade do telespectador.

A utilização de imagens em câmera lenta e a aceleração de *frames* para agilizar cenas também são marcas deste formato. O tratamento de imagens que deixam o mar das Bahamas ainda mais cintilante e azul; a neve da Antártida mais densa e alva; o fenômeno da aurora boreal mais vibrante e multidimensional; e as cores da Cordilheira dos Andes ainda

mais intensas também são cuidados comuns aos episódios televisivos deste formato e igualmente explorados por filmes produzidos ao redor do mundo. São cenários certamente já explorados jornalisticamente, mas que, agora, ganham roupagem moderna e visual atraente. É o que Rosaly Brito define como:

“Rapidez, fluidez, novidade (...) regras que prescindem a narrativa televisiva, com o intuito de prender a atenção do telespectador para que ele não mude de canal. Nessa lógica, os acontecimentos devem ser portadores, sempre, de uma dimensão de novidade semelhante à do discurso publicitário, que apaga a história e insere toda informação e imagem na lógica dos aparecimentos meteóricos”. (Brito, 2008: 48)

Recursos de computação gráfica que ilustram desde o enfraquecimento das defesas do corpo diante de baixas temperaturas quanto aos mapas que localizam o telespectador do local exato dos acontecimentos são recursos adicionais e importantes utilizados pela edição do programa para torná-lo mais leve e didático. Tais ferramentas também são usadas pelo cinema, em outras escalas e objetivos, para contar histórias com narrativas mais ficcionais. É a inclusão de formatos, aspectos técnicos e linguagens cinematográficas no jornalismo tradicional. É o que José Arbex Júnior definiu como “Showrnalismo”:

“O que importa, nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo de sua transmissão (...) como no videoclipe, uma sucessão de imagens é “costurada” de maneira aparentemente aleatória, mas que em seu conjunto reforçam uma certa mensagem”. (JR, 2001: 52).

3 – Jornalismo ou *Reality Show*?

Há pelo menos uma década, *shows* de realidade lideram os índices de audiência nas principais emissoras de televisão do Brasil. São pessoas anônimas ou celebridades emergentes vigiadas todos os dias por câmeras. O resultado de personalidades tão diferentes convivendo juntas é um cenário de brigas, desentendimentos, amor, ódio, alegrias e sonhos levados, diariamente, para dentro da casa de milhões de brasileiros por meio de programas com produções e rendimentos milionários. Tudo em nome da exposição midiática e com foco em prêmios que prometem transformar participantes nos mais novos milionários do País. É o que Rosaly Brito define como:

“Verdadeiros emblemas da fluidez contemporânea entre realidade e ficção, entre os espaços público e privado, e de uma sociedade narcisista que, movida pela lógica consumista do capitalismo, se entrega ao vazio da mercantilização da vida e à lógica das aparências. (Brito, 2008: 45)

A ascensão e êxito destes programas em vários países e, em especial no Brasil, ainda segundo Rosaly Brito, deve-se:

“...Em parte pode estar associada à reconfiguração das formas de convívio social vigentes hoje. Os centros urbanos estão deixando de ser espaços de intenso convívio de pessoas para neles instaurar-se uma espécie de novo sedentarismo, que cria uma ‘localização sem localização’, promovida pelas telecomunicações, na qual submerge em grande medida nosso sentido de coletividade” (Brito, 2008: 45).

Agora, as emissoras de televisão que veiculam tais programas começam a testar a eficácia do formato em outros produtos televisivos como os que têm o jornalismo por base de produção. É o que Augusto Mendes Lobato cita em “Jornalismo e Entretenimento: Um Casamento Possível”. Segundo ele:

“Diversão e notícia, jornalismo e entretenimento, informação e ludicidade (...) começaram a aparecer juntos no linguajar do campo da comunicação. (...) Antes separados por uma espécie de abismo epistemológico, agora convivem diariamente em redações (...) intrigando quem faz – e estuda – a informação na contemporaneidade”. (Lobato, 2010: 01)

Utilizando-se de Fábria Angélica Dejavite, em “INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo”, Lobato (Apud Dejavite, 2006), diz que: “*Com leveza e naturalidade, somos convidados a rever paradigmas e contemplar a práxis jornalística sob um novo viés*”. Mas, Dejavite vai além. Segundo ela:

“A função de recreação e entretenimento permite que as pessoas participem de atividades recreativas, culturais e sociais.(...) E dentro desse cenário, os veículos de comunicação de massa acabam difundindo informações, ao mesmo tempo que distraem a audiência. Esse papel pode ser considerado como um fator de equilíbrio, um meio para suportar as disciplinas, obrigações e coerções necessárias à vida social. (Dejavite, 2006: 49).

Em 2011, o primeiro programa a misturar jornalismo e *show* de realidade foi “Operação Xingu”, em que o repórter Rodrigo Alvarez e universitários brasileiros refizeram a “Marcha para o Oeste”, uma espécie de redescoberta do planalto central brasileiro, a exemplo do que aconteceu na primeira metade do século passado. O programa levou ao ar histórias e sobrevivência de pessoas que deixaram grandes cidades rumo ao desconhecido. As emoções, surpresas e dissabores dos participantes foram exibidos numa espécie de programa “jornalismo *reality*”, algo inovador na TV brasileira.

Meses mais tarde, foi a vez de “Planeta Extremo” ir ao ar com formato semelhante. A proposta era levar o telespectador brasileiro aos lugares mais inóspitos da Terra, tendo esportes como pano de fundo e o repórter Clayton Conservani no foco dos episódios. Em um processo de protagonismo do jornalista, Clayton via sua vida registrada e, depois, contada por ele mesmo em alguns dos mais belos e distantes cenários naturais.

Duas câmeras operadas por profissionais de imagens registravam o cotidiano de Clayton. Desde o acordar em acampamentos improvisados na Antártida até o esforço sobre-humano

do jornalista para completar a maratona no continente gelado; a alimentação em lugares extremos; a sobrevivência em torno de fogueiras em busca da aurora boreal; mergulhos em cavernas subaquáticas em áreas de difícil navegação; e a comoção na Cordilheira Andina foram captados e levados ao ar.

Uma terceira câmera, desta vez de mão, era a que garantia ainda mais veracidade à realidade registrada nas viagens. Operada pelo próprio repórter, a máquina captava, sobretudo, as reações e, por vezes, a solidão de Clayton, quando os aparelhos profissionais não estavam por perto. O material desta *handcam* garantiu ainda mais aproximação do jornalista ao telespectador que via-se igualmente participante das aventuras. *“A câmera estava ali sempre que eu precisasse falar, desabafar, olhar diretamente para o telespectador e dizer o que sentia. Usamos muito material dela e percebemos que era a forma mais direta, íntima de falar pra quem nos assistia”*, explicou Clayton Conservani, durante seminário da Globo realizado em novembro de 2011, na Universidade de Coimbra. Além disso, há os outros personagens típicos das narrativas jornalistas que também têm espaço garantido neste *reality show* não ficcional. São os caçadores de aurora boreal que perseguem o fenômeno; e um sobrevivente de um catastrófico acidente aéreo, que revive a busca por sobrevivência na Cordilheira dos Andes. Mas, é na Antártica que discussões e discordâncias em torno da viagem do Chile para o continente gelado exibem conflitos comuns aos *shows* de realidade. Tudo dentro de um formato, inicialmente, jornalístico. O episódio mostra que, diante do mau tempo, o embarque para o continente gelado é adiado e as opiniões diversas quanto ao atraso na prova provocam tensão entre os participantes, já que alguns exigem embarque imediato, mesmo diante de riscos. É o “tempero” da rivalidade, da discórdia, muito comum em *reality shows* e também presentes no conteúdo jornalístico de Planeta Extremo.

Sentimentos de superação, emoção, medo, pânico, lembranças e esperanças ali na tela. Choro, alegria, raiva, repulsa, reconhecimento da perda e celebração da vitória misturadas ao conteúdo noticioso e de interesse público, resultaram em um *mix* de jornalismo, entretenimento e *show* de realidade. *“É um formato de sucesso para vários produtos. É preciso não ter pudor e buscar todos esses elementos para contar a história da melhor maneira possível”*, explicou o executivo de esportes da TV Globo, João Pedro Paes Leme, ao falar, de uma forma geral, sobre o “Planeta Extremo”, ainda durante o evento realizado na Universidade de Coimbra.

Como os participantes de *reality shows* que ganham fama instantânea após a participação nestes programas, Clayton colheu os frutos da exposição de sua vida em lugares desérticos. Nas ruas do Rio de Janeiro, onde mora, recebeu retorno da audiência cativa do programa “*As pessoas vinham perguntar como eu estava, se estava bem e me apoiavam. Uma espécie de solidariedade pelo que eu e a equipe passamos e, ao mesmo tempo, muito apoio e incentivo para continuar neste projeto*”, explicou Conservani, durante o mesmo evento acadêmico, em Coimbra.

4 –De jornalista à protagonista... O “Planeta Extremo” na Antártica

Acostumado a fazer reportagens de aventuras, Clayton Conservani é cada vez mais responsável pelo fortalecimento da fórmula “repórter como personagem da matéria” dentro do universo telejornalístico brasileiro. E “Planeta Extremo” é um dos pontos altos deste processo.

O jornalista virou mergulhador de cavernas subaquáticas nas Bahamas e mostrou medo e fragilidade ao sentir claustrofobia a dezenas de metros de profundidade. Desempenhou as funções de cinegrafista e repórter, praticante de mergulho e jornalista. Clayton também enfrentou temperaturas muito baixas em busca da aurora boreal na Europa. Deslumbrou-se com um hotel construído de gelo e divertiu-se ao deslizar por superfícies geladas para se locomover. Mesmo com medo de ataques de ursos polares durante a gravação do material, ele foi até o fim para registrar um dos mais fascinantes fenômenos naturais. Conservani mostrou-se tocado pela história do ex-jogador de *rugby* que voltou aos destroços do avião em que viajava e que acabou caindo, matando amigos que, como ele, defendiam a equipe uruguaia no esporte. Dor e comoção no cenário inóspito da Cordilheira dos Andes. Mas, foi na Antártica, que Clayton revelou, diante das câmeras, que era repórter e ser humano; jornalista a cobrir maratonas extremas e, ao mesmo tempo, aspirante à atleta em busca da superação dos próprios limites.

É o exercício de uma forma diferenciada de contar histórias, cujas raízes estão fincadas no *New Journalism*, surgido no século passado e que tinha, em um de seus principais pilares, a presença ativa do jornalista nas reportagens. Profissionais da notícia que Felipe Pena, a partir de um dos maiores nomes do jornalismo literário americano – Tom Wolfe, descreve da seguinte forma:

“Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo

do manual de redação. O texto deve ter valor estético, sempre valendo-se de técnicas literárias” (Pena, 2008:54)

Tal postura, porém, acaba por colocar em xeque, hoje, um dos mais básicos conceitos jornalísticos: a objetividade, que, mesmo após tantas mudanças no fazer jornalístico, ainda segue firme e que, segundo Mário Mesquita, em “Em louvor da santa objectividade”:

“... Apresenta-se, não como o resultado de uma reflexão epistemológica acerca do jornalismo, mas enquanto construção resultante da nova estratégia comercial da Imprensa: a extensão e diversificação dos públicos aconselham uma nova atitude, que se traduz num relato dos acontecimentos que seja válido para todos os leitores e não apenas para este ou aquele indivíduo ou grupo de indivíduos”. (Mesquita. 2000).

Voltando à análise do material, em “Planeta Extremo”, no episódio da Antártida, em especial, que é também o que abriu a primeira temporada do quadro, a “cabeça” que chamava a reportagem, dizia: *“Começa, agora, no Fantástico, uma série de aventuras como você nunca viu na TV brasileira e jamais vai esquecer: O Planeta Extremo... O repórter Clayton Conservani viaja a pontos extremos deste planeta para testar os limites do ser humano. Até onde vai nossa resistência? Até onde vai nossa emoção?”*. Certamente, o próprio Clayton já haviam mostrado situações extremas e o diferencial, agora, era a participação do repórter como protagonista da reportagem, das ações, e a qualidade técnica na produção, execução e edição do material que viria a seguir.

A reportagem começa com imagens de Punta Arena, cidade no Chile de onde repórter, a equipe e atletas partiriam rumo à duas maratonas – uma de 46 e outras de 100 quilômetros – em temperaturas que poderiam chegar aos 30 graus negativos. Um dos primeiro trechos da reportagem, que já identificava o próprio repórter como personagem-principal ou protagonista da narrativa jornalística, é o em que ele diz: *“Eu e o carioca Bernardo Fonseca estamos num grupo de 40 atletas de 16 países que vão disputar as duas provas mais difíceis do mundo”*. Ou seja, distancia-se da função de narrador para participar ativamente da história, para transformar-se em um maratonista.

“O que leva alguém a encarar esse desafio? Como suportar uma região seca como um deserto, onde nem insetos sobrevivem? Os corredores tem seus motivos”, continuou Clayton. Com esta frase ele começava a estruturar sua matéria no que há de mais tradicional em reportagens mais longas e de comportamento: as personagens. Neste caso, outras, além dele, também compõem o material. São personagens que contam com descrição que vai desde a caracterização física à psicológica, passando, inclusive, pela social. A focalização é externa e, em alguns momentos, graças ao recurso da edição que exhibe atletas em pontos e

situações diferentes da prova, a focalização também apresenta aspectos de onisciência. Exemplos destas personagens estão ainda no início da reportagem, quando Clayton diz: *“A garota que quer ser exemplo para quem perdeu tudo no furacão...O canadense tenta salvar crianças na África...O pai vai homenagear o filho que morreu de overdose”*.

Após atraso por conta do mau tempo, a reportagem mostra o embarque de jornalistas e atletas para a Antártica. Na chegada, Clayton assume o discurso de passageiro e diz: *“O pouso é perfeito. Ninguém tem dúvida: é o aeroporto mais bonito do mundo”*. Em seguida, a demonstração clara da quebra das regras clássicas jornalísticas de objetividade e neutralidade do repórter diante dos fatos. Eufórico, Conservani surge na tela feliz, falando em voz alta, quase gritando: *“...Finalmente chegamos, desembarcamos na Antártida para a maratona no gelo no lugar mais inóspito do planeta. É o Planeta Extremo aqui no continente Antártico...Vamos lá!”*.

Na sequência, no acampamento, Clayton mostra a barraca onde dorme, a estrutura do lugar. Algo pessoal e geralmente pouco explorado dentro dos parâmetros de formalidade do jornalismo. Depois, o repórter volta-se, novamente, às personagens como forma de regressar à narrativa jornalística convencional. Após falar do americano Glen Rosnan, que corre em homenagem ao filho, morto por *overdose*, o repórter arremata no texto: *“...Desejo boa sorte...Nos despedimos com um abraço e fico pensando como 42 quilômetros podem ter significados tão diferentes”*. É a consciência do jornalista vindo à tona de uma forma muito particular, subjetiva. A segunda personagem da reportagem é Roda Jones. Para contar a história da norte-americana, o repórter, jornalisticamente, resgata imagens de destruição do furacão Katrina, em 2006 e cita informações precisas como *“ventos de quase 300 quilômetros por hora”* e *“1400 pessoas mortas”*. Discursivamente, a analepse é o recurso utilizado para lembrar fatos passados da humanidade. Clayton finaliza, então, com texto emotivo dizendo que Roda quer servir de exemplo de superação para quem ainda não se recuperou totalmente dos estragos. Outra personagem bastante presente, já no início da reportagem, é o atleta brasileiro que acompanha a equipe de TV na Antártica. Sobre ele, Clayton, em tom de amizade e distante da objetividade jornalística, diz: *“Meu parceiro Bernardo correu aqui na Antártica em 2007. Chegou na quarta colocação”*.

Começa, então, a primeira maratona. O repórter transforma-se em atleta e diz: *“No começo, acompanho o Bernardo e Tommy, de Taiwan, bem mais experientes que eu. Mas, preciso descobrir uma passada que não me destrua lá na frente”*. A preocupação do jornalista, agora, é com a corrida, o bem estar e a sobrevivência humana.

Mais uma vez, o jornalista utiliza-se dos recursos das personagens da narrativa, sempre de forma subjetiva e com trilha sonora envolvente. Para falar de uma delas, que tem problemas com os sapatos, usa o recurso da “arte” para mostrar, de forma moderna e didática, que o competidor pode sofrer com o congelamento de ossos e tecidos. Outra personagem utilizada na reportagem é o canadense Keneth Cris que corre em maratonas para arrecadar fundos para combater a “Noma”, explicada no episódio de forma jornalística como: *“doença que começa com uma gengivite e é fatal em 80% dos casos. 100 mil crianças, com idades entre dois e seis anos morrem, a cada ano, por causa da Noma, atribuída à falta de condições sanitárias, de higiene e desnutrição”*. As imagens que seguem neste momento, porém, são de crianças extremamente magras e com lesões sérias na boca. Informação ou sensacionalismo? Eis a questão.

De volta à personagem repórter-atleta, Clayton diz: *“Uma hora e dois minutos de corrida. Tô muito bem até agora. Só me sentindo um pouco enjoado”*, e segue na maratona. Outra personagem entra na reportagem. É um francês que tem dificuldades para adaptar-se aos óculos de proteção especiais e corre sem eles. O maratonista pode ficar cego e este é o fio condutor para a reportagem ser, mais tarde, interrompida por um *break* comercial do programa em que é exibida.

Um dos momentos mais perceptíveis da presença subjetiva do “atleta” Clayton Conservani na matéria é quando ele diz: *“Tô cansado, tô suando demais, não tem vento, então tô ficando desidratado. Uma unha no pé tá caindo. Tô no meu limite...”*. Em seguida, ao som da música *“Sweet Dreams”*, a edição insere imagens de Clayton correndo dentro de um frigorífico, enquanto narra a preparação para a corrida na Antártica. É a inversão temporal do acontecimento dos fatos para reforçar o discurso da preparação para as provas. Uma narrativa não-linear, não-cronológica, uma analepse dentro de um *mix* de jornalismo, esporte, entretenimento e técnicas cinematográficas.

O ápice do distanciamento jornalístico é também o de maior emoção na reportagem. Correndo, distante dos cinegrafistas, o repórter-maratonista, olhando diretamente para a câmera operada por ele, ofegante, desabafa: *“Em muitos momentos na prova eu fiquei completamente sozinho. Ai, é só você e seus pensamentos: bons e ruins. Ai, eu pensei muito na minha filha, na Gabi”*. Neste momento, a construção da imagem formal do jornalista e distanciamento dos fatos já não existe mais, até porque, o fato e o personagem centram-se no próprio repórter. Clayton, se emociona e começa a chorar enquanto fala: *“Então eu tenho que fazer valer a pena todo esse tempo que eu passo longe dela... Essa prova é pra*

você, Gabi. Todas as forças que eu tenho agora são pra você, minha filha!”... Olha só esse lugar lindo que eu tô correndo, Gabi! Olhá só!...Eu fico forte por causa de você! Vamos lá...Vou alcançar mais um ali!”. Neste trecho da matéria, trilha sonora e desabafo se fundem numa narrativa que conduz o telespectador a uma esfera de emoção. Afinal, não é todo dia que um jornalista despe-se dos preceitos básicos da profissão para testar seus limites e se emocionar diante de seu público.

Para Mario Mesquita, o repórter inserido nas histórias como personagem confere uma postura condenável por veículos de comunicação de importância mundial. Citando trechos do manual de estilo do *Washington Post*, ele diz:

“... ‘Os jornalistas devem fazer todos os esforços para permanecer na audiência, para trabalhar nos bastidores e não para ser a estrela, para relatar as notícias e não para fazer as notícias’. Esta norma conjuga a reafirmação da regra tradicional do anonimato do jornalista, encarado como narrador oculto...” (Mesquita, 2000)

Na mesma obra, ainda segundo Mário:

“O ‘Contrato de recepção’ que o jornalista implicitamente celebra com o leitor pressupõe uma ‘conduta de objectividade’ que o distinga do ficcionista, do actor de teatro e de cinema, do relações públicas e do publicitário. Sem esse compromisso com o ‘real’, o jornalismo destrói a razão de ser da sua existência e dilui-se no vasto oceano dos outros gêneros de comunicação” (Mesquita, 2000).

De certa forma, a mesma concepção sobre objetividade é igualmente compartilhada por Isabelle Anchieta Melo (2007). Segundo ela, “... *A importância da objetividade jornalística não deve ser menosprezada. Mais do que uma “desculpa” ou uma forma dos jornalistas protegerem-se de erros, a objetividade possui, sim, um papel normativo para a prática jornalística*”. Isabelle, porém, defende que tal conceito básico para a prática jornalística, dê lugar a um outro mais alargado e flexível, que ela chama de “intersubjetividade”. Para ela:

“...objetividade jornalística, como intersubjetividade, seria um campo que faz interagir: jornalistas, norteados por rotinas temporais e políticas organizacionais, em relação com fontes com interesses noticiosos conflitantes, utilizando uma narrativa própria que é fundamentada nos valores sociais do seu público e do seu contexto histórico (...)...A objetividade no jornalismo, que é intersubjetividade não pede isenção total, pede equilíbrio.” (Melo, 2007:05).

De volta à reportagem, emocionado, Clayton narra a vitória do companheiro de expedição, Bernardo: “*O improvável agora é uma realidade verde-amarela...O brasileiro é o novo rei do gelo*”. A reportagem segue, agora, com a inversão de papéis: Bernardo, na linha de chegada espera o repórter-maratonista. “*Tô esperando meu amigo Clayton. Ele deve estar chegando...Esse é o cara!*”. Enquanto isso, enquanto corre, o jornalista faz mais um desabafo: “*...Minha unha tá pendurada...Mas que se dane! Que se dane a unha, que se*

dane a dor, que se dane a câimbra!...Cheguei aqui agora e a gente vai completar...E eu não vou caminhar, vou correr o tempo todo!”.

Clayton chega em sétimo lugar. E este é mais um momento de destaque para a carga emotiva do personagem-jornalista. Após comemorar com Bernardo, ele diz: *“Fiquei muitos dias longe da Gaby e durante a prova, eu pensava nisso: vou fazer valer a pena, né?...Falei: ‘Pô, se eu tô aqui num lugar mais uma vez distante, inóspito, eu vou fazer valer a pena por ela”.* Como um atleta que completa bem uma prova, Conservani mostra gratidão e, mais uma vez, chora: *“Seu Tácio, dona Neusa sempre me ensinaram a encarar as dificuldades de frente, com garra e muita coragem. Meu pai e minha mãe sempre foram dois batalhadores então isso é pra eles”.*

Em seguida, como em um *show* de realidade que registra o cotidiano dos participantes, o repórter volta à barraca e percebe que um dos dedos do pé está roxo. É atendido pela médica e, na sequência, passa mal, vomita, sofre como qualquer maratonista não-profissional. Depois descansa para, em 24 horas, voltar à função jornalística e acompanhar os atletas que vão concorrer à maratona de 100 quilômetros. Mas, antes mais subjetividade e comoção no episódio. O repórter diz: *“Quando parece que já atingimos o auge da experiência de uma maratona no gelo, uma nova onda de emoção toma conta do acampamento”.* Durante a premiação, o repórter abandona, mais uma vez, o posto de “contador de histórias” para tronar-se personagem, ao dizer : *“Somos os novos heróis do continente gelado”.*

No dia seguinte, mal tempo e Clayton, já novamente como jornalista mostra que, agora, apenas seis dos 40 participam da maratona mais forte, entre eles, o brasileiro Bernardo. Jornalisticamente, exibe a movimentação dos concorrentes, inclusive com destaque para o brasileiro que segue em primeiro. Em um dos postos de apoio, o repórter retorna ao papel de personagem da narrativa. Ele faz sopa para o companheiro e ainda ajuda um francês que chega ao local bastante debilitado.

Novamente como contador de histórias, Clayton narra o fim da prova com Bernardo, mais uma vez vencendo. Na chegada, emocionado, Conservani assume-se admirador do brasileiro e o chama de *“meu companheiro”.* O repórter mostra ainda a chegada dos outros competidores desgastados pelo frio e esforço. Utilizando-se de modernas artes, a reportagem compara os maratonistas aos primeiros exploradores que chegaram à Antártica

cem anos atrás. Informações históricas no episódio que finaliza com imagens de momentos das vitórias e superação dos atletas e com o seguinte texto: *“Um século depois, os maratonistas honraram o passado de sacrifício dos desbravadores... E o Brasil agora também entrou para a história do continente gelado”*.

CONCLUSÃO

A objectividade enquanto teoria sobre como se chega à verdade está intelectualmente esgotada. Já não há mais ninguém que acredite nisso – e com razão – porque tudo o que aprendemos acerca da procura da verdade diz-nos, de uma maneira ou de outra, que o conhecedor está incorporado no conhecido” (Rosen, 2000: 145)

A afirmação acima, de Jay Rosen, em “Para Além da objetividade”, pode parecer generalista e um tanto apocalíptica, mas diante de projetos tão multilinguísticos e arrojados, com discursos tão variados e includentes como “Planeta Extremo”, ela ganha força e se aproxima do tom de verdade absoluta.

Fato é, noticiar, mostrar lugares, histórias e revelar realidades de forma tradicional diante da ebulição de ferramentas tecnológicas e do desenvolvimento incessante dos processos comunicacionais já não atrai mais público como antes. Com o aprofundamento de pautas nos jornais impressos, aperfeiçoamento da linguagem radiofônica, revistas com abordagens cada vez mais diversas, a expansão e barateamento do acesso aos canais de TV à cabo, a concorrência crescente entre as televisões do mundo todo e a convergência de todos os meios e formas de se comunicar para o meio digital, apresentar uma notícia de forma linear, direta, com ferramentas básicas e tradicionais é pedir para que o leitor/expectador migre para a concorrência.

Diante disso, mesmo que “transgressor” dos conceitos enrijecidos de “objetividade”, “clareza” e “distanciamento” da notícia tão básicos no jornalismo tradicional; mesmo com formato de cinema; mesmo que, por vezes, mais próximo de um *reality show* do que de um noticiário, propostas como “Planeta Extremo” vêm apontar caminhos para a solidificação de projetos telejornalísticos junto ao público diante de tantas opções comunicacionais existentes, hoje, no mundo. Programas como ele, vem provar que, é possível apresentar formas diferenciadas de narratividades, mudando o foco, a localização e função do repórter - podendo até provocar, entre os mais céticos, momentos de choque - mas que junto aos telespectadores, é capaz de suscitar sensações nunca experimentadas por meio de um aparelho de televisão, e como uma aproximação entre jornalista e público, até então, pouco vivenciada ou imaginada no cenário da televisão brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – Livros e Artigos:

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: SagraLuzzatto, 1996.

BRITO, Rosaly de Seixas. **As armadilhas do olhar: visibilidades e invisibilidades em tempos de reality shows**. Revista Adusp, Janeiro 2008.

JR, José Arbex. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

LOBATO, Augusto Mendes. **Jornalismo e Entretenimento: Um casamento possível**. A partir de DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006, 128p.

MELO, Isabela Anchieta. **A defesa de uma nova subjetividade jornalística: a Intersubjetividade**. São Paulo: Bocc, 2007.

MESQUITA, Mário. **Em louvor da santa objectividade**. *J J*, Janeiro-Março. 2000

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Ed. Contexto. R.J. 2008.

ROSEN, Jay. **Para Além da Objetividade**. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Relógio Dagua Editores, n.27, 2000.

2 - Vídeos:

Chamada – “Planeta Extremo”. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=Q3tR3HwTNSU>>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

Planeta Extremo – “Antártica”/ Parte 1: Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=b2zVxUuZN4M>>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

Planeta Extremo – “Antártica”/ Parte 2. Disponível em
<http://www.youtube.com/watch?src_vid=b2zVxUuZN4M&annotation_id=annotation_420924&feature=iv&v=gWD4PWobyic>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.

Planeta Extremo – “Antártica”/ Parte 3. Disponível em
<http://www.youtube.com/watch?annotation_id=annotation_867441&feature=iv&src_vid=gWD4PWobyic&v=hXUMSH0sWIY>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2011.